DOIS ESTUDOS SOBRE LITERATURA PORTUGUESA

João Délio

Professor Titular de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, Brasil.

BREV INCURSÃO NO ROMANCE DE CARLOS DE OLIVEIRA

Carlos de Oliveira, vindo do Neo-Realismo, é autor de alguns romances que indiscutivelmente o firmaram como um dos mais importantes romancistas da atualidade em Portugal. Está entre os grandes que são Vergílio Ferreira, Fernando Namora, Augusto Abelaira, José Cardoso Pires e Agustina Bessa Lúis, autores que também já se encontram com sua obra consolidada.

Até o momento, Carlos de Oliveira publicou os seguintes romances: Alcântara, Uma abelha na chuva, Casa na Duna e Pequenos Burgueses além de Micropaisagem (poemas), Poemas e o livro de notas literárias, Aprendiz de Felticeiro.

Nesta oportunidade nos ateremos à sua obra romancística. Em primeiro lugar, um aspecto aproxima os três romances de Carlos de Oliveira: a preocupação com um romance ligado à terra, seja apresentando personagens que são os grandes e pequenos proprietários ou meros trabalhadores rurais. Todos os três romances se passam em dois ambientes: a vila de Corgo e a aldeia de Corrocorvo. Estes dois ambientes revelam-se como extremos climáticos (fortes estôlos e largos temporais) que constituem grandes fagais aos humildes e humilhados da sorte, que são os trabalhadores da lavoura. E a natureza inclemente está sempre associada às grandes tragédias e dramas que envolvem as personagens nos romances:

"A chuva, em grossas bátegas, derreava o telhado. Firmino conservava os rumbos por onde o inverno entrava, mas a água e o vento tornavam a abrir-lhes, ainda malores. A lagoa crescera um metro sobre o bunho e invadia, às golfeadas, os casebres da Corrocorvo. Corrocorvo era isto: tocas sem luma, devassadas pelo temporal; crianças quase mortas de frio; os campos alagados; o céu tão baixo que parecia polsado na rama dos pinheiros; chuva, cada vez mais chuva". (Casa na Duna, p. 27).
Embora aparentem algumas diferenças pequenas entre si, Casa na Duna, Uma Abela na Chuva e Pequenos Burgueses parecem se resolver em sua configuração psicológica e mesmo nas tónicas de sua vivência.

Carlos de Oliveira, ao lado de algumas personagens que pertencem a ligadas àqueles por um processo teológico. Trata-se de um romance de hào nível do enredo, da história, do romanescó e os dramas das personagens. É por isso que ele acaba sendo um neo-realista, porque comprometido ramente se foge ao mero romanescó, para que o romancista pudesse se blemas.

O problema de Uma Abela na Chuva centra-se no drama caseiro de figuras. O aspecto mais relevante reside nas duas personagens que se casaram por razões de fidelidade decadente e de dinheiro:

"Há trinta anos atrás, a ruina entrara na casa de Alva. Uma voragem que levava dinheiro, terras, móveis. Os lustres foram arrancados; velhas arcas de madeira olorosa e pesadas de belas das de adamascos, armários de talha, guarda-lotes de cristais esmeralda, camas torneadas, os quadros das paredes, a praia dos talhes anéis dos dedos; venderam-se espingardas de caça, galgos, caçarolas, traidores, refeições como aquela punhal antigo devorado de diamantes, colitas de rebuçados tempos. Deu o sumário no fidalgo que era Pessoa, Alva e Sancho, descendente de um companheiro de Cochim, negociou o casamento de filha com os Silvestres de Montouiro, lavradores e comerciantes.

— Sangue por dinheiro, propôs-e ele com franzinza dum homem que vende por necessidade. Assim seja, concordou o pai de Alvaro Silvestre. Compre-se tanta coisa, compra-se também a prosapá. (pp. 26-27).

Aqui opera-se a limitação da problemática que se cinge quase que exclusivamente a uma família. Uma ampliação, contudo, verifica-se em Casa na Duna, onde além dos problemas que afligem a família dos Paulo (o velho Paulo, Mariano Paulo e Hilário) abre-se o grave problema social...
purrando o braço da mulher, o frasco, a vergonha, revolteou-se:
— Large-me!
— Quando estiveres menos bêbado, respondeu ela.
Quem é que está bêbado? — explodiu Álvaro Silvestre com inapropriado arrojo e pareceu-lhe que as palavras se fizeram ouvir mais verdades que nunca tivera coragem de pronunciar e entregou-se à fôrça.
— Para saber-se que se fartou de novebras, de orgulhos, de parvozíes.
Vi-se espasiçado no “maple” e endireitou o tronco, procurou
uma posição mais digna:
— Muito conde, muita lêria, mas há vinte anos que me come
matar, com a família atrás. E vinham todos mais humildes, mi-
broa”.
Então, em geral os diálogos se garam numa atmosfera de tensão cada vez mais forte, até estourar no assassinato de cocheiro, premeditado e razoável.
A criação romanesca de Carlos de Oliveira resolve-se na tentativa de destruir as estruturas arcaicas em torno de personagens ligados aos tronos e de aldeias (em geral a vila se conheça família burguesa, seus falto de valores positivos, sua situação mental e
social).
Em Casa na Duna, já o problema maior reside na crise social, resultan
tante da passagem de uma estrutura rural para outra de ordem industrial. No caso de Uma Abelha na Chuva, ainda insistindo na tônica do ca-
samento, queremos lembrar que sua destruição reside no fato de que na
económico e o costume pequeno-burgues (felizmente em parte superado nos dêdas do holocausto da realização integral da mulher reside na solução memo-los assim) de Carlos de Oliveira respiram um ar de melancolia, de
mente em personagens como Álvaro Silvestre, Maria dos Prazeres, Dr. Ne-
Hilário em de Casa na Duna.
Vivem em promiscuidade, realizando-se (se isto é realização) imper
feitamente e às escondidas no plano do sexo e neste sentido Hilário Paulo
de Casa na Duna revela-se a mais frustrada da pequena galeria de ro-
mances (diresmos melhor, novelas) de Carlos de Oliveira. Falamos em no-
velas e por suas características todas há que se rever a nomenclatura que
nos apresenta o autor em suas obras.
Quanto à organização de uma tipologia, os romances (chamemo-los
novamente assim) de Carlos de Oliveira apresentam predominantemente um
tipo: o de ação, que se divide com um tipo de romance de espelho em
Casa na Duna e Pequenos Burgueses e com o psicólogo em Uma Abelha
na Chuva.
Embora sejam predominantemente de ação, as narrativas de Carlos de
Oliveira muitas vezes vê as personagens num plano de importância onde
se ressaltem suas grandes ações e seus momentos psicológicos.
As personagens, Carlos de Oliveira as toma em certa altura de suas
vidas, e em geral elas permanecem inalteradas. Embora vistas com profun-
didade, elas não se alteram ao longo do enredo, de modo que podemos
em geral considerá-las como planas, servindo na maior parte dos casos a
intensão dinâmica das ações. Faz-se, exceção aqui a alguns momentos de
Casa na Duna e Uma Abelha na Chuva.
Tais figuras em geral revelam-se moralmente (e algumas delas fisicamente)
deformadas; naquele caso estão personagens como Álvaro Silvestre
E Maria dos Prazeres, e no último personagem como a primeira figura que
aparece em Os Pequenos Burgueses e a figura do velho cego em Uma
Abelha na Chuva e a do indígena que é estruturado fisicamente nos pri-
meiros capítulos de Casa na Duna.
De qualquer forma, frustrações de toda ordem, física e moral, per-
correm os romances de Carlos de Oliveira nos quais o artista mantém-se
numa atitude de observador e onisciência, nunca intervindo a favor desta
doaquela personagem. A militância social que o coloca no Neo-Realismo
não é do foco narrativo, é da própria ação.
O foco narrativo em geral se revela onisciente ao nível de todas as
personagens, acentuando-se no tocante às personagens principais, Álvaro
Silvestre e Maria dos Prazeres de Uma Abelha na Chuva, Mariano Paulo,
Hilário Paulo e o velho Paulo de Casa na Duna. Contudo, no processo de
onisciência, o narrador não toma partido, limitando-se a nos mostrar
as personagens por fora e por dentro, mas dentro de uma visão equilibrada
das personagens e de seus problemas.
Tentando abrir o romance de Carlos de Oliveira com o estudo das
funções de Iacobov (física, emotiva, receptora, referencial, metalinguística,
poética) o tópico se resolveria talvez da seguinte maneira:
No tocante à primeira delas, a emotiva, em que sempre uma ou duas
personagens se destacam na emissão de sentimentos, emoções e idéias,
e Uma Abelha na Chuva, desde o início há evidente destaque para a
personagem Álvaro Silvestre, seguindo-se-lhes Maria dos Prazeres, Dr. Neto,
Dr. Sábrad e outros.
Claro que estas também realizam a função receptora ao lado de outras
personagens como Jacinto, o cocheiro e Clara de Uma Abelha na Chuva
e Hilário, Concepção Pita de Casa na Duna. Neste, Mariano Paulo, Hilário
(secondarymente) e o velho Paulo exercem a função receptora.
Quanto à função metalingüística ou de código, em geral as personagens dos romances de Carlos de Oliveira, não chegam a um entendimento, especialmente nas relações entre Alvaro Silvestre e Maria dos Prazeres de Duna. O fato de não se entenderem, pelo contrário, de se desentenderem, traz de vida diferentes uns dos outros. Isto evidencia-se em Numa Abelha na chuva e entre Mariano Paulo e Hilário Paulo em Casa na Duna. O fato é que o drama, levada a sério das personalidades dos ares mais torpes como a perpe-

Finalmente, quanto à função poética, em geral os romances de Carlos de Oliveira sugerem o mundo social, com o povo, na Duna e Pequenos, discutivelmente, seu trabalho profundo sobre os problemas enfrentados.

Em síntese e em conclusão, os romances de Carlos de Oliveira, apresentando tipos das vilas e das aldeias de Portugal, ligados à atividade rural, contribuem obras ligadas a uma profunda voz neo-realista, aquelas que discutivelmente (e Inclusive, sofrendo-lhes a influência) ao que de melhor, do romance como Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, especialmente.

Achamos, contudo, e concordando com Franco Nogueira e que Carlos de Oliveira não obstante nos tenha dado uma obra como Numa Abelha na chuva, discutivelmente ele é capaz.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA POESIA DE HERBERTO HELDER

PARTE I

Herberto Hélder é, em primeiro lugar, um poeta hermético, de linguagem difícil, de imagens desencontradas e necessárias, de associações imaginéticas complexas que provoca um crítico adequado. A difusão de ler, ler, ler, para que depois se possa abalanzar a dizer algo que possa parecer original, como abordagem.

O fato é que em Ofício Cantante, de Herberto Hélder, há duas direções paralelas: a da sua própria poesia, como abstração e transmissão de um mundo e uma construção, através da metalização, de uma arte poética, conforme assinalou e desenvolveu muito bem, Ruy Belo em seu Na Senda da Poesia. Afirma este poeta e crítico a certa altura: “Há que pensar em tópicos como poema refletindo sobre o poema a sua maneira de arguir-se em poesia, em metalização (há uma linguagem em torno de uma outra linguagem, que é o poema), o discurso sobre o discurso”. Acreditamos, pelo visto, que seja possível e válida uma abordagem estrutural da poesia de Hélder, por estas características de seus poemas e por aspectos mais particulares que tentaremos evidenciar. Assim, vamos tentar ensaílo aqui uma abordagem estruturalista do poema, nos quais, confissamos, fomos educados num curta puramente temática, quase impressionista em essência.

Alguém observou que Hélder é um poeta de difícil leitura que não é um poeta popular (como o é, por exemplo, Eugênio de Andrade), na sua tentativa de reerguer um poema, poesia e a poética. E nesta linha de idéias, desde o primeiro poema de Ofício Cantante, Herberto Hélder enfatiza esta idéia da dificuldade de criar uma nova linguagem e com ela nova realidade: “Falemos de casas. Do sábio exercício de um poder tão firme e silencioso como só houve/ no tempo mais antigo.

Portanto, há uma preocupação em Herberto Hélder de construir a poesia e construir uma linguagem. Mas também curiosíssima referência ao fato de que quando falamos de alguém ou de alguma coisa, emocionadamente, ela se transforma e adquire enorme dimensão, confirmando a posição de Ruy Belo que afirma que os poemas de Hélder foram feitos para serem lidos. Alguns versos de Hélder confirman a nossa impressão e a idéia de Ruy Belo:

"As casas são fabulosas, quando digo: casas. São fabulosas
as mulheres, se comovido digo:
as mulheres".

Se fôssemos pensar em ler passivamente, ou em voz baixa tais versos, eles não adquiriam a dimensão real e imprescindível em torno da emoção e do dizer: “quando digo casas, se comovido digo: as mulheres”.

Portanto, é preciso pensar na poesia de Hélder para se ler e em voz
alta. Além disso, a poesia de Hélder também revela uma preocupação artesanal, oficial que muitas vezes o leva a uma criação Interseccionista, como ocorre no poema IV de “As musas cegas”:

“Mulher, casa e gato.  
Uma pedra na cabeça da mulher; e na cabeça da casa, uma luz violenta.  
Anda um peixe comprido pela cabeça do gato”.

Interseccionismo e visível influência pessoana de “Chuva Obliqua” e “Hora Absurda”, também está presente em versos do poema: “Minha cabeça excede com todo o esquecimento”;

“Caneta do poema diasolvido no sentido primacial do poema.  
Ou o poema subindo pela caneta, atravessando seu próprio impulso, poema regressando.”

Igualmente outra tendência pessoana, o sensacionismo (com outras dimensões), está presente na poesia de Herberto Hélder; outras dimensões para aquilo vivência intensa da mulher e a enfatização da própria constrição do poema como vivência altamente erótica:

Um poema cresce insegurança na confusão da carne.

Alguns dos poemas de Herberto Hélder se revelam manifestamente como poemas de busca, em que o poeta procura uma solução para a vida temos verdadeiros poemas do encontro. Neste caso, está a composição de nascimento da mulher: “Em cada mulher existe uma mãe silenciosa” ou “Busca o tempo onde a mulher começa”. Como exemplo de poemas de milagres/ que dentro de mim é o sol, o fruto/ a criança, a água, o deus, o leite, a mãe,/ o amor/ que te procuram”.

A construção temática e mesma linguística do poema de Hélder sempre se constitui num processo alucinatório, para-normal, e alguns dos seus gêneros poéticos:

“Apalpo agora o girar das brutaí, líricas rodas da vida.  
Há no meu esquecimento, ou na lembrança total das coisas, uma rosa como uma alta cabeça, um peixe como um movimento rápido e severo.  
Uma rosa-peixe dentro da minha Idéia desealhada.  
Há copos, garfos inebriados dentro de mim”.  

Embora a poesia de Herberto Hélder seja fundamentalmente de ordem sensorial e inúmeras vezes erótica, o fato é que o poeta chega a momentos universalizantes:

“Eu digo que ninguém se perde no tempo”.  
ou:  
“Porque o amor das coisas no seu tempo futuro é terrivelmente profundo, é suave, devastador”.

Contudo, a presença constante dos termos, palavra, poema, denota a constante preocupação do poeta com a reflexão sobre sua linguagem:

“Poema não salindo do poder da loucura.  
Poema com base inconcreta da criação.”

Inúmeros poemas remetem à própria luta do poeta com a palavra e contra ela:

“Mais uma vez a perdi. Em cada minuto a perco. Longe revoltam as palavras”,  
ou:  
“Recebo humildemente esta desordem da carne, das palavras, dos dedos brutos do tempo”.  
ou:  
“Um poema cresce insegurança na confusão da carne”.  
Sobe ainda sem palavras, só ferocidade e gosto”.  
ou:  
A palavra ergue-se como um candelabro, e  
“Pense que deve existir para cada um uma só palavra que a inspiração dos povos deixasse virgem de sentido e que,”…  
e  
…”Primavera é uma palavra”
numa língua demasiadamente estrangeira.
Uma coisa enorme e sem música".

Então, "palavra", "poema", "tempo", "mulher", "criança", "loucura" e
todos explodem nas composições de Herberto Héliérd e poderíamos tentar
abrir esta poesia, considerando a dinâmica de tais elementos, descobrindo
os vários níveis: metáfora, símbolo, comparações. A dinâmica de
(sol, flor, estrela, etc.) uma verificação de uma poética da linguagem e de
uma linguagem poética em Herberto Héliérd.

Assim, é que de agora em diante vamos tentar enfocar os poemas de
Héliérd com base nas idéias de Gerard Genette que aparecem em Figures
II, no capítulo "Langage poétique, poétique du langueage"

A primeira idéia é a seguinte:
"O princípio maior da poética assim oferecida à discussão é que a
relação à prosa, como um desvio com
em que todo seu processo sensorial está estritamente ligado a uma vi-
vência espiritual das pessoas e das coisas. Quer dizer, Hélida consegue
em seus poemas fazer ascender o conhecimento sensorial a conceptu.

Em segundo lugar, a palavra em Héliérd não é denotativa, mas con-
notativa, característica da linguagem poética. E como conseguem Héliérd dar
conotação, dar níveis à palavra? Inicialmente, os níveis, o poeta o conse-
ou pedras, água, fogo, terra, céu, etc. Quer dizer, há intensidade, e sabemos que a repetição da
experiência, buscando e restaurar o
mundo, racionalização, de repetindo certa ideia, de conotações, ela a prin-
cipal característica poética de Herberto Héliérd.

No contexto geral, Genette fala em linguagem poética e poética da
sérguei, mas na insistência como que falas de palavras, das coisas, da criação,
nessas palavras, da criação, é possível afirmar que o poeta também está preo-
ocupado com o código no relacionamento com a mensagem. Ora, se sua
linguagem é poética, como estamos procurando demonstrar, e como ele
se preocupa com a criação do poema, também se opera o argumento de
dão a poesia", Ruy Bello fala na "poesia e arte poética" em Herberto Héliérd.

Outro aspecto que a Genette nos leva a pensar é em que sentido a
poesia de Herberto Héliérd constitui um gênero de linguagem e em que
sentido ela configura um novo estilo, uma nova "escritura", segundo Ro-
lan Barthes. A escritura de Héliérd consiste primeiramente em nomear a

palavra novamente, buscando-a na sua origem, procurando injetar-lhe novas
acepções e através do processo metafórico e simbólico, carregar o mundo
sensorial de uma carga conceptual intensa; ou conseguiu com os elemen-
tos da natureza dar nova dimensão à mulher e à sua vivência sensorial e
erótica da mulher. O processo repetitivo e retroativo também faz parte de
uma reconstrução poética. A repetição de uma palavra aqui, ao invés de
esvaziar o sentido, enfraquece de novos significados, dá-lhe novas dimensões,
novos níveis, novas valências, e note-se que o poema de Herberto Héliérd
se aribe através de palavras-chaves que explodem no texto.

Os aspectos da natureza, as estações do ano, especialmente a prim-
vera comparece nos poemas de Herberto Héliérd, nunca em caráter passivo,
antes eles é dinâmica, é humanizada, processo que o poeta em geral es-
tende a toda a natureza:

"Agora a primavera trabalha nas galerias mais augustas"
ou:
"É uma coisa estupenda a primavera que trabalha
nas caveras dos cavalos enterrados"

Os versos de Héliérd em geral, são bastante longos, esparadarmos, às
vezes lembrando a linguagem em prosa (há muitos poemas narrativos) e
tal esparadarmo está a serviço da força sensorial e erótica que ele confere
a seus versos, lembrando o mesmo processo que ocorre nos poemas de
Álvaro de Campos, nos seus versos sensacionistas. Aliás, pessoa não pe-
sou em Héliérd só neste particular da vivência erótica e sensacionista, mas
há também a tendência eixacionalista (o poema que fala do poeta e da
mãe e das letras) e o poema que fala do "poema subindo pela caneta" e
da "jarra bebendo as flores"

As dimensões plásticas, visuais, a intensa luminosidade revelam a iman-
a alegria, de viver a intensa vivência da carne.

Outro tema importante é o da criança, e elas aparecem no poema en-
sinhando o poeta a viver, influindo na sua vivência:

"Essa criança tem boca. Há tantas finas raízes"
ou:
"Essa criança dorme sobre os meus lagos de treva"
ou:
"Essa criança é uma coisa que está nos meus dedos"
ou:
"Essa criança tem os pés na minha boca dolorosa"

Outro aspecto que dá dimensão poética a Héliérd é o seu caráter re-
petitivo, anáforico:

"Mexo a boca, mexo os dedos, mexo
a ideia da experiência,
Não mexo no arrependimento"

(Continua...)